

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.2024-19-04>  
 Recebido em 27/04/2023. Aprovado em 04/08/2023.  
 Artigo Original  
 Editora de Seção: Ana Carolina Cernicchiaro

## O NIILISMO TECNO-LÓGICO E A CURA DO POÉTICO THE TECHNO-LOGICAL NIHILISM AND THE POETIC CURE

André Vinicius Lira Costa\*

**Resumo:** Partindo de uma interpretação de um anime e jogo eletrônico japonês, *Pokémon*, este trabalho busca explorar a noção de niilismo dentro da trajetória ocidental, conforme explicitada e criticada por autores como Nietzsche e Heidegger. Apoiando-se em reflexões decisivas de Guimarães Rosa, apontamos que o niilismo é constitutivo da cultura contemporânea, propiciado por uma redução da linguagem à comunicação e do ser à sua representação mais abstrata, enquanto informação manuseável – ambos os processos interligados ao que chamamos de tecno-lógico. Em contrapartida, defendemos, dentro de um método hermenêutico e poético-ontológico, a necessidade da questão do poético como caminho para pensar e resguardar a liberdade humana desde o princípio originário do ser.  
**Palavras-chave:** Niilismo. Poético. Linguagem. Ontologia. Arte.

**Abstract:** Starting from an interpretation of a Japanese anime and video game, *Pokémon*, this paper aims to discuss the notion of nihilism in the Western tradition, as pointed out and criticized by authors such as Nietzsche and Heidegger. We will, based on Guimarães Rosa's decisive thoughts, argue that nihilism constitutes contemporary culture, aided by the reduction of language to communication and of being to its most abstract representation, as easy to handle information – both processes intertwined with what we call the techno-logical. On the other hand, we seek to defend the need, in a hermeneutic and poetic-ontological method, of the poetic to think and nurture human freedom in reference to the originary principle of being.  
**Keywords:** Nihilism. Poetic. Language. Ontology. Art.

No anime japonês *Pokémon*, baseado no videogame homônimo de grande sucesso, seres humanos convivem com monstros fantásticos diversos, com os quais viajam e entram em competições para provarem seu valor.

Um entretenimento de aventura, como tantos outros, pode-se aventar. O pensamento, porém, puxa seu fio do carretel de Cloto, a fiandeira grega do princípio – do nada. No anime, tão logo se revela ou se encontra algum dos monstros, ele fala dizendo seu nome – e é apenas o que consegue pronunciar, o que causa certo espanto, pois podendo falar, por que só o que designa ser? Sem dúvida, não se trata de uma comunicação tradicional, articulada entre seres humanos ou humanizados.

Além da função onomástica, nessa fala também se dizem as diferentes disposições de ânimo dos monstros, como surpresa, dúvida, alegria e dor. Assim, para além da produção de sons e a designação do seu nome, o extraordinário é que a fala dos pokémons

---

\* Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), campus Palmas. Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [andreobranco@gmail.com](mailto:andreobranco@gmail.com).

diga algo. Comparados aos humanos muito faladores, os monstros parecem rudimentares, pobres de palavras, pois só têm a do próprio nome para se comunicarem e se expressarem. Percebemos aí um dizer ontológico, em que se está manifestando aquilo que se é e está sendo, como se no próprio nome (na palavra!) se pudesse fazer a experiência da inteira tensão entre ser e não-ser do pokémon.

Um monstro que fala, mas só o próprio nome soa como um enigma retirado das páginas de Borges, mistério no qual, talvez, se possa apalpar a escuridão e, com isso, algo de esperança. Também borgianamente é devido constatar: o monstro que sempre diz o que é e fala para poder dizer o que é tem um nome: ser humano. Desde muito tempo, caímos na teia da interpretação lógica da linguagem, primeiro e mais fundamentalmente pelo platonismo, depois por suas iterações enquanto linguística moderna. Dessa forma, torna-se habitual e cristalizado que, por exemplo, o homem é senhor da linguagem e usa-a para se comunicar com seus iguais, interagir em sociedade, construir conhecimento racional e, assim, construir seu domínio sobre a terra. O pokémon que é o ser humano, ao escutar os nomes de todas as coisas, pode dizê-los e assim se dizer, mesmo que se utilize de diversas falas para tal. Nessa nomeada toda o ser humano se realiza como ser dizente e condizente na linguagem.

Mas cá estamos, na sociedade da novidade, da liquidez, verificando e ouvindo ser repetida a todo canto a crise da linguagem, da representação, da ciência, da democracia, da educação, do clima... Na crise, poderia se abrir a oportunidade para o questionar, encontrando as fiações, os fiados e confiados do carretel. Depois, quem sabe, perder a linha para encontrá-la no movimento da pipa e, com isso, reter o milagre do tempo e do poético.

Essa conversa parece excessivamente filosófica ou destinada para os especialistas acadêmicos em cada um desses domínios. O que deve ser destacado é que a chamada crise da linguagem funda as demais crises. Decerto, à crise educacional, por exemplo, se busca responder com novos e invertidos métodos ativos, *apps* e plataformas participativas, *gamificações*, mantendo a mesma concepção de linguagem e os mesmos propósitos desgastados no meio de tanta atividade produtiva. E, de fato, em todo canto ouve-se inúmeras curas, curandeiros e curativos pedagógicos.

À crise das crises chamamos aqui de niilismo. Nietzsche já a havia localizado no coração da filosofia metafísica e, especialmente, na moral judaico-cristã, enquanto uma negação ressentida da vida, do corpo e das potências transformadoras do ser humano. O homem que assim se compreende se apegua a valores que constroem uma sociedade de homens médios, medíocres, medianos, medidos. Também Heidegger (1967), com suas tentativas de pensamento poético, como as expressões a-patridade, perda do enraizamento, com-posição (*Ge-stell*)<sup>1</sup> e pensamento calculador procurou colocar-se a caminho dessa questão essencial. Na ação pensante de Heidegger, enxergamos o ponto central deste trabalho: o vínculo entre a crise das crises e a linguagem. Esse elo se percebe claramente, por exemplo, em *Carta sobre o humanismo* (Heidegger, 1967):

---

<sup>1</sup> Essa importante noção do pensamento heideggeriano não possui uma tradução fácil. Em Lira (2019), encontra-se uma análise de algumas traduções existentes em português. Utilizo aqui a tradução de Emmanuel Carneiro Leão (cf. Heidegger, 2002, p. 23).

O esvaziamento da linguagem, que prolifera rápido em toda parte, não corrói apenas a responsabilidade estética e moral, vigente em todo emprego da linguagem. Provém de uma ameaça à Essência do homem. (...) A decadência da linguagem, ultimamente muito comentada – e com bastante atraso – não é a causa, mas já uma consequência do processo no qual a linguagem, sob o domínio da moderna metafísica da subjetividade, decai quase inevitavelmente de seu elemento. A linguagem continua a recusar-nos a sua Essência, a saber, que é a casa da Verdade do Ser (Heidegger, 1967, p. 32-33).

Central torna-se, pois, o que quer dizer a essência do homem e da linguagem.

No domínio tecno-lógico, todo mundo já está cancelado de antemão. Não existe nada ou ninguém incancelável. Todos os valores, trajetos e afetos desmancham no ar. O que, à primeira vista, se acomoda ao suposto apego à liberdade, à mutabilidade, à diferença e ao progresso da vida moderna, apenas torna patente o vazio de sentido geral da linguagem e, junto, de tudo aquilo que é. Deve-se apontar e pensar esse vazio crescente conforme se vendem, por todo canto, promessas de facilidade, eficiência e praticidade para a vida (Lira, 2019). Se a vida é difícil e no limite do tolerável, precisamos perguntar quem (ou o que) mantém esse estado de coisas. O desafio continua sendo o de questionar o gambito real que vende dificuldade como facilidade, haja vista as concepções e decisões fundamentais no real que permanecem impensadas e a única saída possível parecer ser, só para quem muito possui, ejetar-se da terra em um foguete. Para quem fica, talvez mesmo só um labirinto de Borges ou uma pilha de processos de Kafka.

Procura-se nomear, como niilismo tecno-lógico, um questionamento sobre o poder planetário da tecno-logia e a cegueira disseminada que turva, por um lado, os caminhos de pensá-la e por outro a brutalidade cotidiana, fatídica, bárbara, do massacre e destruição do ser humano, a qual é naturalizada. No “salve-se quem puder”, não há tempo para cuidados, nem de si, nem do outro. Na ambiguidade dessa obscenidade às claras, também se vê a debilidade dos valores em dicotomias cômodas. O outro é sempre bobo, mau e feio, portanto, se não se curvar aos desígnios meus e dos meus. Como diz o ditado, “aos meus amigos, tudo; aos inimigos, a lei”! No deserto dos valores, ninguém se permite saciar da fonte ética, do *ethos*. Apesar de a palavra “ética” estar na boca de todo mundo, se for entendida como um conjunto de preceitos, regras ou leis, não se está falando de ética, mas de moral. Para piorar, ainda se propala a superioridade moral sob a forma de uma obediência a tais regulamentos e regras, supostamente neutras e objetivas, para que se ateste quem é melhor. E por que isso acontece senão porque nada vale? Quer dizer, tudo vale, menos o nada, como conjunto poético de possibilidades do real. O acontecer poético do real não está no regulamento.

Com a noção de *Gestell*, com-posição, Heidegger procura apontar para a interpretação vigente da técnica moderna: tudo é feito dis-ponível ao homem, entulhado de coisa. Na virtualização, no controle e domínio total de tudo, a coisa se reduz ao aspecto mais básico da representação, isto é, informação. Se as coisas são a informação que carregam ou que pode ser representada num sistema, a linguagem deste meio também assim se conforma (autoritariamente): comunicação e eficiência acima de tudo, conteúdo acima de todos. Sem dúvida, há aí um odor característico. Serão as possibilidades de dizer, próprias do ser e da linguagem que as cuida, inteiramente redutíveis à informação e à comunicação?

De volta aos pokémons, que aqui associamos ao ser humano. Na interpretação do ser que nos conduziu historicamente à contemporaneidade, o humano fala sem parar e o faz para provar a si mesmo. Os monstros do anime e do jogo eletrônico também provam seu valor em competições e batalhas. Mas se algo precisa de provas, já está no terreno da representação e do juízo. Movimenta-se no vazio da abstração, do valor. Assim, mais uma vez, a fala incessante do ser humano condiciona-se, sem sucesso, à superação de seu vazio. Não se trata, portanto, de qual valor, qual suporte, grupo ou cultura detém os valores, o lugar, a voz a serem seguidos. No horizonte do controle total, nada tem valor a não ser o que se atribui pelo próprio funcionamento do controle. Todavia, não nos esqueçamos de que o humano é um pro-jeto, está a se de-cidir. Está continuamente a se realizar no risco do autêntico, não precisa provar nada, nem a si mesmo, até porque, na dinâmica esvaziante do atribuir e destituir valor, tudo pode ser provado: “Toda prova vem depois de se tomar como base certas pressuposições. Tudo se deixa provar depois de assumidas as pressuposições.” (Heidegger, 2002, p. 173).

Ainda enxergamos na relação essencial entre ser humano e o nomear uma exigência da existência, que se atravessa necessariamente como um próprio, mesmo entulhado por tantas outras coisas. Vivemos, assim, à procura de deixar dizer o que somos, que nunca está pronto, mas está lançado no mundo como pro-jeto. Não falamos nosso nome monocordicamente para todo lado como um pokémon, mas sem dúvida podemos realizar na vida concreta o deixar e acolher dizer.

Com o título “cura do poético”, não aludimos aqui a outra coisa além de tomar o poético como princípio ontológico do real, do qual e no qual o ser humano também é e (se) faz. Não é, portanto, educação estética ou metodologia de ensino de literatura. A cura do poético, enquanto cuidado, lança-se a restituir o ser humano ao sentido de sua proveniência. Na interpretação de Heidegger sobre alguns versos de Hölderlin, a cura é o habitar poeticamente: “É a poesia que permite ao homem habitar sua essência. A poesia deixa habitar em sentido originário” (Heidegger, 2002, p. 178). Mesmo em uma época tão hostil ao poético, o ser humano permanece confiado a ele, pois nele mora e demora, habitando.

O pensar poético procura cuidar das questões do poético, que se deixa brilhar, em especial, nas obras de arte. Pensar é cuidar. O poético não é tábua de salvação, nenhuma promessa utópica. Mas ele já e simplesmente se dá como eclosão do ser, o que, para o ser humano ouvir o recôndito de sua essência, precisa ser pensado e experienciado. Na contramão das interpretações vigentes sobre linguagem e sobre arte, entendemos que os caminhos do poético não passam pelo acúmulo impensado de referências, discussões, falas, conteúdos, debates, conceitos, sistemas, paradigmas, teorias, vênias, devidas escusas. É necessário silêncio para dimensionar o sentido do essencial. Sim, o desafio não está em dizer o difícil ou o complexo, mas o simples. No fim da vida, Heidegger ainda se defrontava com isso: “Não consigo. Para dizer o que é preciso, não encontro a língua. Ela deveria ser ainda mais simples” (Fédier, 1989, p. 146). Hoje, debatemo-nos com o exaurimento das possibilidades do dizer em geral, isto é, da linguagem. A dificuldade permanece tornar essa questão visível, além da seguinte: pode algo ser sem linguagem que o acolha e recolha na sua dinâmica concreta? Que desdobramentos para a diversidade e a multiplicidade do real traz o esvaziamento da linguagem? Em terras brasileiras, Guimarães Rosa (Lorenz, 1973) detecta essa questão:

Uma palavra, uma única palavra ou frase podem me manter ocupado durante horas ou dias (...) Temos de aprender outra vez a dedicar muito tempo a um pensamento (...) a linguagem e a vida são uma coisa só (...) como escritor, devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas (Lorenz, 1973, p. 336).

Linguagem é vida, linguagem é vida, linguagem é vida. Como no dito famoso de Wittgenstein, “os *limites de minha linguagem* significam os limites de meu mundo” (Wittgenstein, 2001, p. 245, grifo no original). Nas montanhas de cinzas, em que a linguagem torna-se mero veículo de informações, tudo se esvai, sem ter como aparecer e se dizer propriamente. Há que nos reencontrarmos com a potência apofântica das palavras. Esse é o grande desafio epocal para o ser humano. Felizmente, as obras de arte sempre acompanharam a humanidade, acenando-lhe com o nada, de onde tudo brota. O nada da linguagem, assim, ainda hoje, pode ser experienciado no dizer originário da obra de arte. O nada da linguagem, como doação constitutiva, não se confunde com o vazio esvaziante, coroado nas redes de informação e replicação. Do nada advém aquilo que é, ao se velar e re-velar. Na cura do poético, então, procura-se pensar o princípio que cria e deixa emergir sentido. Enquanto houver ser humano, haverá o chamado das questões, a que precisa a-colher e cuidar. É por isso que lemos, lidamos e vemos arte, porque há uma dura peleja a ser vi-vida nas questões. Arte é um caminho arriscado, em perigo, mas com vistas ao refúgio: um ainda sim no ainda não.

Diz Heidegger (1967, p. 33-34): "Caso o homem ainda deva encontrar o caminho da proximidade do Ser, terá de aprender primeiro a existir no inefável." Que é este inefável? Podemos falar do que é inominável? Qual a utilidade desse falar? Por outro lado, não será o inefável a possibilidade originária de todo dizer, que dele brota? Então habitamos no in-audito? Não será por isso que dizemos aquilo que somos a todo momento, porque é a pena de estarmos na linguagem e, dessa forma, na casa do ser (Heidegger, 1967, p. 24)? A obra de arte enuncia-se no e como inefável, permitindo sua escuta. Caso contrário, não se erigiria como obra. Também o ser humano, sendo nada, para ele se dirige, sempre pertencendo. Só por ser nada, inominável, que o ser humano pode desdobrar as possibilidades de (se) dizer; possibilidades doadas pela linguagem, à que pode responder e colher seu sentido. Na procura do simples e do essencial, esta época poderá, quem sabe, um dia enxergar os caminhos para uma passagem para o poético, em que o niilismo tecno-lógico seja questionado rumo ao que no real faz, concretamente, apaixonar, cuidar, ser.

## REFERÊNCIAS

- FÉDIER, F. *Heidegger: anatomia de um escândalo*. Petrópolis: Vozes, 1989.  
 HEIDEGGER, M. *Carta sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.  
 HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIRA, A. *O poético como princípio da técnica*. 2019. 166f. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

LORENZ, G. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. São Paulo: E.P.U., 1973.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Ed. da USP, 2001.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.